

BOLETIM



HISTÓRICO



10

R. Cel. Xavier de Toledo, n.º 23
CEP 01048 São Paulo SP 239 6544

Eletropaulo – ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

João Oswaldo Leiva

VICE-PRESIDENTE

Einar Alberto Kok

CONSELHEIROS

Wilson de Araújo Costa, Antônio Roque Citadini, André Domingos

Costábile Ippolito, Alfredo de Almeida Júnior, Flávio Nelson da Costa

Chaves, Carlos Nelson Bueno, Rubens Resstel, Tito Enrique da Silva

Neto, José Marcondes Brito de Carvalho, Tullio Romano Cordeiro de

Mello

DIRETORIA

PRESIDENTE

André Domingos Costábile Ippolito

VICE-PRESIDENTE

Darcy Paulillo dos Passos

DIRETORES

Antônio Russo, Carlos Pedro Jens, Marcello Oreste Bogaert, Laerte

Martins, Alvaír Augusto Jacinto, Reynaldo Maffei, José Ivandro Dourado

Rodrigues, Marcelo de Azeredo

SUPERINTENDENTE DE COMUNICAÇÃO

Audálio Dantas

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Gildo Marçal Brandão

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Célia Reis Camargo, Dirce de Paula e Silva Mendes, Vera Tokairim,

Maria Lúcia Irineu dos Santos, Adelina Barbosa Bouças, Cecília Goda,

Énio Tadeu de Freitas, João Rodrigues Neto, Paulo Afonso Arruda, Rita

Lo Schiavo, Roberto V. Rizaffi, Sérgio Dantas da Silva, Carlos Sérgio da

Costa Lima, Kenzi Oyama, Rubens Carotenuto

Setor de Pesquisa: José Alfredo O.V. Pontes, Denise Mendes,

Guilherme F. de Assis, José Antônio Segatto, Renato de Oliveira Diniz

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

Heloísa Barbosa da Silva, Maria Lúcia

Perrone Passos, Sueli Martini Ferrari, Tânia Cristina Ferreira, Cecília

Santor, Rosane Tróia

EDITORIA DE PUBLICAÇÕES

Roniwalter Jatobá, Edsel O. Britto, Marta Toledo Dias, Milena de Castro

Silveira, Mônica Violante

Setor de Arte: Cely Russo Vieira, Marilda C. de Vilhena, Márcia de

Barros, Carlos Braga de Paiva Neto

APOIO ADMINISTRATIVO

F.E. Bezerra de Menezes, Sônia Nascimento Sândici,

Maria Márcia de Lima Faria, José de Lima, Marco Antônio de

Lima, Moisés Inácio Duarte, Airtton Prestes

Trabalharam na edição deste Boletim:

EDITOR

Duarte Pereira

EDITORA DE ARTE

Cely Russo Vieira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Márcia de Barros, Carlos Braga de Paiva Neto

PESQUISA E TEXTO

Edsel Britto, Guilherme F. de Assis, Maria Lúcia Perrone Passos, Milena

de Castro Silveira, Nívia Faria, Renato de Oliveira Diniz e Sueli Martini

Ferrari

PREPARAÇÃO E REVISÃO

Telma Domingues da Silva e Mônica Violante

PESQUISA E EXECUÇÃO FOTOGRÁFICA

Carlos Sérgio da Costa Lima, Kenzi Oyama e Rubens Carotenuto

FOTOLITO, MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica da Eletropaulo

TIRAGEM

4.000 exemplares

O DIA EM QUE A USINA DE CUBATÃO FOI BOMBARDEADA

Um episódio pouco conhecido da Revolução Constitucionalista de 32

Waldemar Barbosa trabalhou na usina de Cubatão durante cinqüenta anos, de 1933 a 1983, e em 1932, com 17 anos de idade, já residia na vila operária da usina, com o pai, que também foi funcionário da São Paulo Light. Por isso, Waldemar Barbosa se recorda perfeitamente do que aconteceu em Cubatão no dia 28 de julho de 1932:

“Mais ou menos às 10 horas, surgiu voando sobre a área da usina um hidroavião bimotor *Savoia-Marchetti*, escoltado por outro avião de caça, geralmente conhecido como *vermelhinho*, cor utilizada pela aviação legalista. Ao passarem sobre um terreno com plantação de bananas, distante cerca de mil metros da usina, lançaram uma bomba que abriu uma cratera de mais ou menos 15 metros de diâmetro. Este ato foi mais tarde admitido como uma advertência para a paralisação da usina. No dia 29, também às 10 horas, os referidos aviões retornaram a sua missão de ataque e, na segunda passagem para tomada do alvo, lançaram uma bomba pesando cerca de 12 quilos sobre a usina, tendo atingido o edifício onde estão instaladas as chaves desligadoras de 11 kV, por pouco não acertando em cheio os transformadores nº 1 e 2 de 20 mil kVA, na época localizados entre os dois edifícios, e que na ocasião operavam na elevação da tensão para 88 kV a fim de ser transmitida para São Paulo”. Waldemar Barbosa prossegue, recorrendo a anotações que guarda cuidadosamente:

“Em conseqüência do ataque aéreo a usina foi desligada totalmente a fim de serem examinados os estragos causados pela bomba. Prosseguindo na sua missão de garantir o abastecimento de energia elétrica a São Paulo, a usina reiniciou sua atividade no dia 2 de agosto às 16,20 h com o retorno ao sistema da unidade nº 1, sendo que a de nº 2 somente voltou a operar no dia 5 de agosto às 16,50 h. No dia 7 de agosto, como apareceram voando sobre a usina dois aviões inimigos, a mesma foi desligada às 11,48 h. Porém, não tendo havido novo bombardeio, retornou a operar normalmente às 15,15 h do mesmo dia”.¹

A repercussão na capital paulista foi enorme, conforme se pode verificar pela imprensa da época. O jornal *A Gazeta*, por exemplo, comentava no dia 30 de julho de 1932:

“Senhores de péssima pontaria, os pilotos ditatoriais jogaram anteontem duas bombas em Cubatão, com o fito de atingir a usina da Light. Errando o alvo, eles voltaram ontem à carga. E mais duas bombas foram atiradas com o propósito de atingir a usina, que é uma obra de valor inestimável, pois foi julgada, quando de sua recente inauguração, como a de maior potência da América do Sul (...).

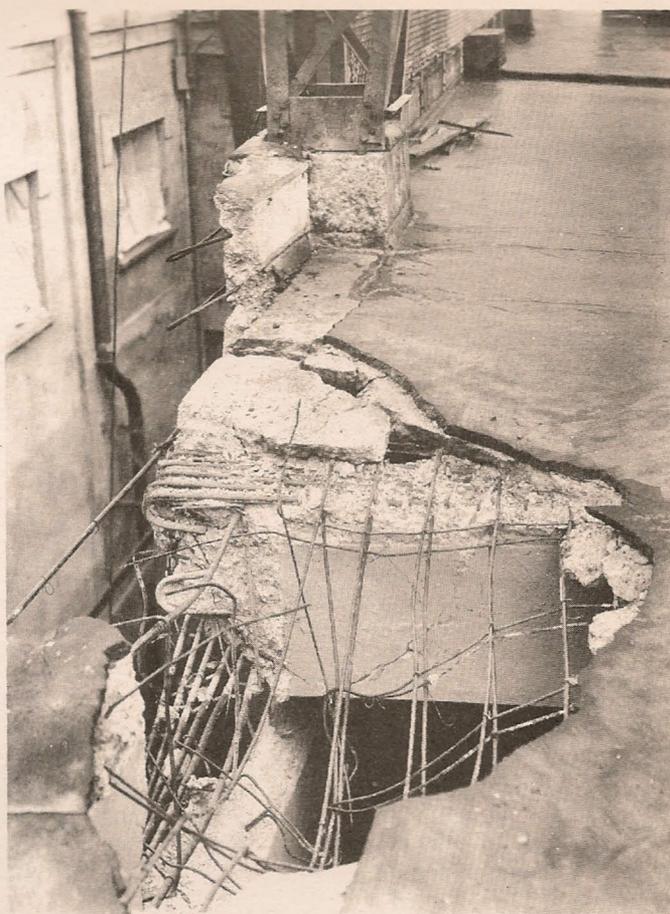
Assim que se verificou o atentado, foi o fato comunicado aos representantes oficiais da Inglaterra, em São Paulo e



Usina de Cubatão, 1932: as casas de força e de distribuição foram as dependências mais atingidas pelo bombardeio aéreo



Sala de controle: estrago da bomba que pesava 12 quilos



Laje do teto e parapeito da casa de distribuição: detalhe da destruição

Santos, que, por sua vez, o participaram à embaixada inglesa no Rio de Janeiro".²

Passados dois anos da tomada de poder por Getúlio Vargas em 1930, a situação política em São Paulo ainda não se havia definido. O governo revolucionário não conseguia impor aos paulistas um interventor que pudesse conciliar o fortalecimento crescente do poder federal com a nítida tendência autonomista de São Paulo. Além disso, a economia em ascensão do estado havia sido seriamente atingida nesses primeiros anos do governo vitorioso em outubro de 30.

Do ponto de vista político pode-se então caracterizar a Revolução Constitucionalista de 1932 como uma reação dos homens públicos paulistas à crescente concentração de poder nas mãos de Vargas e à conseqüente perda do papel de destaque exercido pelos políticos de São Paulo enfileirados no Partido Republicano Paulista ou mesmo no Partido Democrático Paulista.

Os líderes do movimento declarado a 9 de julho de 1932 contavam com uma vitória rápida e fácil. Mas isto não ocorreu e, já no final de julho, a inferioridade militar de São Paulo fazia-se sentir.

Nesse sentido, o bombardeio da usina de Cubatão aconteceu num momento difícil para os paulistas. Seis dias antes morria num acidente o coronel Júlio Marcondes Salgado, da Força Pública, um dos líderes do movimento. No mesmo 23 de julho, Santos Dumont suicidava-se no Guarujá, tendo como um dos prováveis motivos a utilização de seu invento numa guerra e ainda por cima entre brasileiros. Julho terminava e, apesar da ainda grande disposição de luta das tropas paulistas, sinais de desgaste já eram notados. A inferioridade em armas e o isolamento de São Paulo iriam determinar o desfecho da Revolução Constitucionalista.

A imprensa paulista empenhada no apoio e incentivo à revolução noticiou indignada o bombardeio: "Aviões da ditadura voaram sobre Santos", "Novas bombas foram lançadas nas proximidades de Cubatão, danificando a usina da Light".³ Curiosamente, a bomba parece não ter causado grande preocupação à Light.

Houve pedido de indenização, protesto da empresa e até do consulado britânico mas, ao que demonstra a documentação consultada, a bomba que caiu rente à usina quebrou apenas algumas janelas e portas de aço, causando um rombo no teto da casa de comando e alguns ferimentos leves em três funcionários.⁴ Teve pouco significado para a empresa no decorrer do ano de 1932. Pelo menos, é o que a empresa procurou deixar transparecer.

Como empresa estrangeira concessionária de serviços públicos, a Light precisava saber lidar com as turbulências da vida nacional. Sem apoiar ou negar, explicitamente, as razões dos constitucionalistas, a companhia fornecia passes aos escoteiros, não cortava a luz dos voluntários combatentes, fornecia luz aos organismos rebeldes, organizava serviços especiais de transporte de cargas e tropas e... depois mandava a conta.

Os arquivos da Eletropaulo contêm copiosa documentação atestando o amigável e comercial relacionamento da "inglesa" com o movimento constitucionalista. Salvo pequenos problemas de distribuição de passes aos escoteiros,⁵ sempre existiu boa vontade e eficiência da companhia na prestação dos serviços normais e dos numerosos serviços especiais requeridos pelo momento tumultuado vivido pela cidade e pelo estado.

Mas não se pode deixar de destacar o interesse da empresa em ter boas relações com os revolucionários detentores, no momento, do poder político em São Paulo e, ao mesmo tempo, com o governo provisório de Getúlio Vargas, titular do poder federal, adversário dos paulistas e – argumento por demais convincente – portador do direito de conceder (ou suspender) o funcionamento da empresa no país.

"Amigos, amigos; negócios à parte!" Grande parte das cartas em resposta às requisições apresentadas à Light pelos órgãos da revolução terminavam com a frase: "Oportunamente esta companhia apresentará ao governo do Estado conta relativa a este fornecimento"⁶. Ou então: "Ficaria agradecido se nos dignásseis de, logo que seja possível, indicar qual o departamento público do Estado a

que deve ser debitado o consumo dessa ligação".⁷ O freguês – constitucionalista ou não – sempre tem razão; desde que pague suas contas!

Nos numerosos documentos encontrados nos arquivos da Eletropaulo e que fazem referência à revolução percebe-se, numa primeira aproximação, apenas a face comercial do relacionamento entre a Light e os organismos responsáveis pelo levante paulista, confundidos nesse momento com os próprios órgãos da administração estadual. Exceto algumas referências circunstanciais, mesmo nos documentos de circulação restrita à diretoria da Light, a companhia canadense (ou inglesa?) não teceu comentários significativos ou comprometedores sobre o que se passava em São Paulo, ou no Brasil. A senhora inglesa (ou canadense?) sabia comportar-se em terras brasileiras!

EXPLOSÃO E PÂNICO

Do depoimento do sr. Waldemar Barbosa, funcionário aposentado da usina, presente no momento do bombardeio:

BOLETIM HISTÓRICO – Houve pânico na hora do bombardeio?

WALDEMAR BARBOSA – Realmente houve pânico entre os residentes. Tanto que depois, no dia seguinte ao bombardeio, na parte da manhã, vários moradores reuniram as famílias e as levaram para a Fabril, com medo de que o avião voltasse a sobrevoar. Fizemos isso vários dias. Ficava só quem estava trabalhando. O pessoal que morava, as famílias, crianças e senhoras, ia naquela romaria para trás da Fabril, ficava lá acampado, voltando só à tarde. De noite fazia-se um tipo de *black-out*, que foi suspenso em pouco tempo.

BH – E o pessoal que trabalhava na usina na hora?

WB – Esses permaneceram no local. Houve até um caso interessante que eu não me esqueço. Um funcionário estava na sala de máquinas almoçando – naquela época cada um trazia sua marmita de casa – quando a bomba caiu. A marmita, ele não viu mais! Naquela época a usina era cercada de arame farpado e outro funcionário se machucou, porque correu em pânico e nem percebeu a cerca. O seu Bracken, subchefe da usina, caiu e bateu a cabeça. Os mapas e plantas que estavam na parede e na mesa de seu escritório rasgaram.

BH – E depois que a bomba explodiu, o pessoal foi voltando?

WB – A preocupação maior foi verificar se havia algum dano pessoal, e outros foram constatar os de ordem material. O interessante é que, quando

o avião lançou a bomba, a gente que estava embaixo, isto é, no solo, teve a seguinte impressão: não sabíamos onde a bomba ia cair, realmente o avião fez o alvo na usina mas, olhando de baixo para cima, perdemos todo referencial, além da sensação daquele artefato descer assoviando. Então todos gritaram: Deita no chão! Todos deitaram – homens, mulheres, crianças. Quando houve a explosão, levantamos e aí vimos que a bomba havia caído na usina.

BH – Em sua opinião, qual o motivo que levou as forças federais a bombardear a usina?

WB – A usina de Cubatão, naquela época, era a única que abastecia diretamente São Paulo, além de ser a principal do sistema. As fábricas estavam produzindo toda sorte de armamentos possíveis e também peças para reposição. Fabricavam

munições, bombardas, carros e trens blindados, metralhadoras e ainda um dispositivo que as imitava. Então, se fosse paralisada a usina de Cubatão, as indústrias ficariam sem energia e não poderiam prosseguir na industrialização bélica. A finalidade maior foi essa.

BH – O estranho é que bombardearam, mas dias depois a usina voltou a funcionar e eles sossegaram.

WB – Eles não tinham a intenção de eliminar a usina, porque seria um prejuízo enorme para a nação. Fizeram isso para amedrontar. Do lado de São Paulo, ninguém teve medo. A usina continuou abastecendo a cidade. Um efeito moral ou psicológico, talvez.

(*) A Vila Fabril é um dos bairros mais antigos de Cubatão. Nasceu em torno da fábrica da Companhia Santista.



Escritório do eng. Bracken, subchefe da usina: danos incalculáveis

(1) Depoimento oral do sr. Waldemar Barbosa a Renato Diniz e Guilherme de Assis, pesquisadores do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, Santos, 10/6/1987.

(2) *A Gazeta*, 30/7/1932. Série Recorte de Jornais, v. 0782, p. 194. Fundo Light. Acervo CDHEI/SP – Eletropaulo.

(3) *A Platéia*, 30/7/1932. Série Recorte de Jornais, v. 0782, p. 198. Fundo Light. Acervo CDHEI/SP – Eletropaulo.

(4) *Relatório a Edgard de Souza*, 4/8/1932. Série Correspondência da Diretoria, nº 16; GM, v. 66, p. 1-5. Fundo Light. Acervo CDHEI/SP – Eletropaulo.

(5) *Diário Nacional*, 16/8/1932. Série Recorte de Jornais, v. 071, p. 71. Fundo Light. Acervo CDHEI/SP – Eletropaulo.

(6) *Cartas ao Estado Maior do M.M.D.C.*, 15/7/1932. Série Correspondência da Diretoria, nº 1, v. 62, p. 279. Fundo Light. Acervo CDHEI/SP – Eletropaulo.

(7) *Carta ao Inspetor de Serviços Públicos*, 22/7/1932. Série Correspondência da Diretoria, nº 1, v. 62, p. 347. Fundo Light. Acervo CDHEI/SP – Eletropaulo.